



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

Resolução final

VII Congresso da Central de Movimentos Populares: 30 anos de lutas e resistência. *Contra o fascismo, em defesa da democracia, dos direitos e da vida*

I. O momento vivido

- 1- A vitória eleitoral de Lula inaugurou um novo ciclo de lutas para o povo brasileiro. Após seis anos de retrocessos neoliberais e autoritários vivenciados no país, no período iniciado com o golpe contra a presidenta Dilma, reconduzimos à Presidência da República a maior liderança da classe trabalhadora da história do Brasil e reestabelecemos as condições para avançarmos na luta por democracia, soberania e direitos sociais. A eleição de Lula foi garantida, sobretudo, pela mobilização da classe trabalhadora brasileira, que se organizou e tomou as ruas do país em manifestações de milhões contra o governo genocida de Bolsonaro, impedindo assim o golpe fascista e garantindo a vitória popular contra o candidato a ditador. Foi uma extraordinária vitória, com envolvimento direto da Central de Movimentos Populares (CMP) na organização de mobilizações, comitês populares e Brigadas de Agitação e Propaganda, frente ao enorme aparato de mentiras e uso sem precedentes da máquina pública, como o orçamento secreto.
- 2- A conjuntura segue muito desafiadora. No plano internacional, o cenário é de múltipla crise: econômica, política, social e ambiental. A guerra envolvendo Rússia e Ucrânia e a escalada na disputa geopolítica entre o declinante império estadunidense e a China trouxeram novos distúrbios à economia global, que se arrasta em crises sucessivas desde 2008. A nova ofensiva de Israel na guerra contra a Palestina, e o apoio irrestrito das grandes potências ocidentais, a começar pelos EUA, ao genocídio contra um povo que vive há séculos naquele território, mostram a falência de organismos multilaterais para a promoção da paz no mundo. Nossa solidariedade ao povo palestino! Pelo cessar-fogo imediato e reconhecimento internacional do Estado da Palestina!
- 3- A reiteração das políticas de austeridade, da financeirização e o crescente domínio de Wall Street e do Banco Central estadunidense canalizaram de forma ainda mais acelerada as riquezas produzidas em todas as partes do mundo para os setores rentistas e a oligarquia financeira global, jogando os custos das crises sobretudo nos ombros dos/as trabalhadores/as, das mulheres e da juventude. A decorrência mais imediata desse processo é a concentração de renda, o aumento vertiginoso das desigualdades e uma forte



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

instabilidade decorrente da perda de controle institucional sobre a governança macroeconômica. Como consequência, vivemos crises sucessivas, como a escalada inflacionária que atinge, sobretudo, o preço dos alimentos, espalhando o drama da fome em todo o globo, elevando o aumento do desemprego, fome, miséria e destruição ambiental. A gravidade é tanta que nem mesmo aquele que governa a maior economia do mundo, Joe Biden, logrou estabilizar os principais indicadores macroeconômicos do país e entregar o que prometeu na campanha eleitoral, em uma demonstração cabal de que os capitalistas não estão dispostos a sinalizar qualquer recuo na lógica de busca permanente por maximização dos lucros. Pelo contrário, o sistema econômico capitalista e sua sede de lucros está levando o mundo à ruína e à destruição, pois é incapaz de acabar com os males sociais e de garantir um futuro feliz para o conjunto da humanidade. No plano político, a decorrência disso é a promoção pela burguesia de um número cada vez maior de conflitos armados e governos autoritários, apresentados de forma mentirosa como alternativas para a profunda exploração vivida pelo povo.

- 4- Alimentado por isso, o fenômeno do neofascismo segue avançando. Figuras como Donald Trump e Jair Bolsonaro ganharam a companhia da primeira-ministra da Itália, Giorgia Meloni, liderança da extrema-direita. O neofascismo se alimenta da crise econômica para promover a crise política, operacionalizando uma completa desconexão social com a realidade como forma de canalizar a raiva e a frustração para os bodes-expiatórios que elege como culpados para os problemas gerados pelo capitalismo neoliberal. As principais vítimas desse processo são os imigrantes, populações negras, LGBTQIA+, a esquerda, os comunistas e as minorias, dentre outros grupos atingidos por uma rede global de produção de mentiras que desvia a atenção das populações das reais causas da crise capitalista.
- 5- É justamente esse cenário de múltipla crise que encontramos no Brasil. O bolsonarismo é a expressão nacional de tal fenômeno global, combinando a defesa das perversidades do neoliberalismo – cortes de direitos, desinvestimento social, privatizações do patrimônio público e recursos naturais, priorização dos interesses rentistas, redução de salários, ampliação da jornada de trabalho, aumento da idade de aposentadoria, – com a escalada autoritária com fortes conotações fascistas. O neofascismo produziu um projeto de morte, que nos atingiu em todas as esferas. Na saúde, o negacionismo matou centenas de milhares de pessoas, mortes que poderiam ter sido evitadas se o governo tivesse se orientado pela ciência e medicina. O crime se reproduziu também na área econômica, com a condução da mesma agenda que, desde o golpe de 2016, retirou permanentemente direitos das classes trabalhadoras, em especial através das reformas trabalhistas e da previdência, e do congelamento dos salários mínimos. Em 2020, quase a metade da riqueza esteve concentrada nas mãos da faixa 1% mais rica da população. É o pior nível de concentração



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

de renda no Brasil desde pelo menos 2000, quando o 1% mais rico era dono de 44,2% das riquezas.

- 6- Foi justamente isso que impediu a interrupção do governo neofascista, a despeito de enormes retrocessos e dos inúmeros crimes que Bolsonaro cometeu. Explodiu o número de casos de corrupção no governo federal, compras inescrupulosas para o Executivo e as Forças Armadas, denúncias envolvendo a aquisição de picanha e Viagra para os militares, e de vacinas, além da apropriação indevida de joias doadas pela Arábia Saudita ao Estado brasileiro, dentre outros. No entanto, o compromisso inabalável com o neoliberalismo ortodoxo que atende aos interesses das classes dominantes brasileiras e transnacionais manteve o neofascismo de pé. De um lado, aumento vertiginoso da insegurança alimentar, com mais de 20 milhões de brasileiros passando fome; de outro, o aumento do número de bilionários e da concentração de riquezas. Em decorrência disso, as cenas lamentáveis de pessoas revirando lixo em busca de sobras de alimentos, disputando carniça com urubus ou procurando ossos para comprar nos alarmaram nos últimos anos. Somam-se a isso os crimes ambientais, o ataque e extermínio dos povos originários, indígenas e quilombolas, o aumento da violência, o desfinanciamento da educação, da saúde, da cultura e o fim das políticas de moradia, dentre outros. Tudo isso conjugado com uma desestabilização institucional permanente que, associada ao crescente movimento fascista na sociedade, buscava atingir o objetivo estratégico do bolsonarismo que era a mudança de regime político no Brasil para uma ditadura neofascista.
- 7- Em contraposição, em meio a tanto retrocesso, resistimos, sobrevivemos, e logramos colocar um fim a esse governo e retomar as possibilidades de um novo ciclo de conquistas democrático-populares. A CMP esteve diretamente envolvida na construção das lutas de resistência ao neoliberalismo e ao bolsonarismo, e na construção de uma saída que atendesse aos interesses do povo brasileiro, sintetizada nas mobilizações contra os retrocessos e na campanha por democracia, Lula livre, Lula presidente.
- 8- Ao longo dos últimos quatro anos, estivemos engajados, e com protagonismo, na Campanha Nacional Fora Bolsonaro, na Frente Brasil Popular, na luta por vacina no braço, comida no prato e Fora, Bolsonaro, e nos atos de rua, como no Grito dos/as Excluídos/as, no Dia Internacional de Luta das Mulheres e no Dia da Consciência Negra. Em 2020 e 2021, período mais crítico da crise da Covid, mediante o aumento do desemprego, perda de renda e aumento da fome, a CMP promoveu nas periferias ações de solidariedade destinadas às famílias mais vulneráveis, mas também realizou mobilizações de denúncias e cobranças de medidas de atendimento à população atingida pela Covid-19. Em 2022, realizamos uma campanha militante, com a construção das Brigadas de Agitação e Propaganda.



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

- 9- Com o início do governo Lula, os desafios de organização das classes populares seguem presentes, pois não há como negar que as condições de vida dos/as trabalhadores/as brasileiros/as continuam dramáticas, 21 milhões de pessoas passam fome, quase 8 milhões de famílias não têm moradia digna, 100 milhões não são atendidos pelo sistema de esgoto, mais de 10 milhões não têm emprego, quase 40 milhões trabalham informalmente, sem direitos trabalhistas ou seguridade social, e o salário mínimo é apenas R\$ 1320,00, quando o mínimo necessário, conforme os cálculos do Dieese, seria de R\$ 6.528,93. Nas cidades, 25 milhões de moradias são inadequadas, por se tratarem de casebres, cortiços, favelas, barracos e 16 milhões de pessoas não têm sequer o lixo de suas casas recolhido. É preciso, para além da mudança na correlação de forças institucional, transformar a correlação de forças na sociedade. O governo Lula está em disputa permanente, sendo pressionado pelas forças neoliberais, pelo financismo e pela direita tradicional que busca capitalizar para si a derrota eleitoral de Bolsonaro. Além disso, o neofascismo segue dando demonstração de capilaridade social, e permanecerá mobilizado para desestabilizar o governo Lula e levar à frente a conjunção de neoliberalismo e fascismo. A tentativa de golpe em 8 de janeiro de 2022 foi apenas a primeira demonstração de forças desse campo no novo governo: outras virão e, para derrotá-las e fazer avançar as pautas populares, devemos mais do que nunca nos engajar em processos massivos de formação política, organização e lutas de massas.
- 10- Saudamos o governo Lula pela retomada e avanços de vários programas sociais, como o Minha Casa, Minha Vida, Bolsa-família, Mais Médicos, ações de combate à fome, fim do teto de gasto, nova regra fiscal com possibilidade de mais investimentos, preservação ambiental, políticas de combate à violência contra as mulheres – violência física, psicológica, moral, sexual e patrimonial -, disseminação da lei Maria da Penha, contra o racismo estrutural, em defesa da Amazônia, dos povos originários, indígenas e quilombolas, ações de apoio aos yanomamis, decretos que dificultam os armamentos de grupos milicianos e fascistas, PPA Participativo, Conselho de Participação Popular, dentre outras medidas. Mas é preciso avançar muito mais, na preservação ambiental, no combate à privatização da água e no combate à fome, com políticas de soberania alimentar, contra o fascismo, em defesa da democracia, dos direitos e da vida. É importante priorizar energia limpa e renovável, e garantir um amplo processo de participação e educação popular. A CMP está engajada na construção dessas políticas públicas e defende a necessidade de uma reforma tributária de caráter progressista, que taxe as grandes fortunas, o patrimônio, o lucro e dividendos.

ii. Os 30 anos de CMP

1. A CMP é resultado de um processo histórico de organização popular, luta por direitos e políticas públicas, pelo direito à cidade e por um projeto democrático-popular para o país. Nossa história começa no final dos anos 1970, em um contexto de ascensão das lutas populares e sindicais no Brasil. Com a piora das condições de vida da população brasileira durante a ditadura militar, movimentos de base passam a se organizar e a se somar com as correntes políticas na luta por democracia, participação política, contra a carestia e melhoria da qualidade de vida. Em 1979, teve origem a Articulação Nacional de Movimentos



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

Populares e Sindicais (ANAMPOS), que contribuiu para a criação da Central Única dos Trabalhadores (CUT), em 1983, e da Central de Movimentos Populares (CMP), em 1993.

2. A CMP foi criada para articular os diversos movimentos populares urbanos, como moradia, associações de moradores, saúde, mulheres, negros (as), juventude e economia solidária, dentre outros, com o objetivo de fortalecer e impulsionar as reivindicações específicas e, diante de movimentos tão diversos, articular lutas de caráter geral e comuns aos movimentos, tais como: participação popular, enfrentamento ao neoliberalismo, combate à desigualdade e a miséria.
3. Nos 1990, a CMP se envolveu nas principais lutas do período: campanha nacional contra a fome, as caravanas nacionais para Brasília em defesa dos direitos e da reforma urbana, os gritos da Terra e dos/as Excluído/as, a resistência contra as privatizações e as marchas por emprego e desenvolvimento econômico e social. A CMP também esteve envolvida na construção dos primeiros conselhos de políticas públicas, principalmente saúde e criança e adolescente, assistência social, compreendendo se tratar de mais uma ferramenta de efetivar os direitos. A CMP participou e teve papel importante na criação do Fórum Terra, Trabalho e Cidadania, espaço de articulação de partidos, movimentos sindicais, populares e sociais para enfrentar a implementação do projeto neoliberal, principalmente na chamada era FHC.
4. Nesses 30 anos, lutamos contra o neoliberalismo, participamos da conquista de governos populares, contribuimos na formulação de políticas públicas, na criação do Conselho e das conferências das Cidades. Defendemos a democracia, os direitos e a soberania. Promovemos ações de solidariedade e protestamos contra o desemprego, a fome e violência, especialmente contra a juventude preta e periférica e as mulheres.
5. Nos últimos anos, especialmente a partir de 2015, ampliamos nossa atuação e incidência no cenário político, nos transformando em uma das principais entidades de movimentos populares urbanos nas mobilizações contra o Golpe, os retrocessos, a prisão injusta de Lula, contra o fascismo e em defesa da democracia. Contribuímos de forma decisiva na articulação de espaços políticos como a Frente Brasil Popular e Campanha Fora Bolsonaro. Estamos presentes em 21 estados da federação e congregamos cerca de quatro mil entidades e grupos de base em todas as regiões do país.

iii. Balanço da gestão

1. Nesta gestão (2018-2023), a CMP ampliou sua capacidade organizativa e de fato buscou cumprir o seu caráter de articuladora de movimentos populares, se transformando numa força política e social necessária para, nas ruas e redes sociais, resistir aos retrocessos, defender a democracia e os direitos. Fazem parte disso o esforço de consolidação das



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

CMPs estaduais, a realização de reuniões periódicas da direção nacional, a estruturação da secretaria nacional, a ampliação da presença em novos estados, a criação da Escola Nacional de Formação Política, inclusive com a realização de seminários de formação, além de seminários gerais em todos os estados e plenárias nacionais. Na comunicação, foram estruturados canais de redes sociais de Facebook, Instagram e Twitter, além de produção de vídeos e cards. Vale ressaltar que a CMP teve presença na imprensa alternativa e, em alguns momentos, na grande imprensa. Ampliamos a atuação para novos temas, com iniciativas de economia solidária, na agricultura urbana, cozinhas e hortas orgânicas comunitárias, em defesa da soberania alimentar, do meio ambiente, do combate à fome e na organização da Campanha Despejo Zero. Participamos ativamente dos Diálogos Amazônicos, em Belém (PA), em julho de 2023.

2. No âmbito da Campanha Nacional Fora Bolsonaro, articulação sustentada pelas frentes Brasil Popular, Povo Sem Medo e outras dezenas de redes e entidades dos movimentos sociais, nos envolvemos ativamente na proposta de pensar em como enfrentar nas ruas o bolsonarismo. Em contexto de pandemia, debatemos de que maneira alternativa poderíamos protestar, com envolvimento na construção de atos descentralizados, como no Dia Mundial da Saúde, e em protestos massivos, como o grande ato de 29 de maio de 2021, que resultou em uma nova fase da luta por vacina no braço, comida no prato e fora, Bolsonaro. Organizamos, junto a outros movimentos, manifestações em 214 cidades no Brasil, que recolocaram as classes populares e trabalhadoras nas ruas. Impulsionados pelo sucesso da manifestação de 24 de maio, promovemos mais 5 grandes protestos de rua, reunido milhares de pessoas por todo o país, com forte articulação e mobilização da CMP.
3. Em 2022 não foi diferente. Defendemos a realização de uma campanha militante, que disputasse nas ruas os corações e mentes do povo brasileiro em defesa de um projeto democrático popular para o país e denunciasse o fascismo e o projeto ultra neoliberal em curso no Brasil. Junto a Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), União Nacional por Moradia Popular (UNMP), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA) e diferentes movimentos nos estados, construímos as Brigadas de Agitação e Propaganda por Lula presidente, que mobilizaram milhares de pessoas em todo o Brasil e foram fundamentais para garantir a nossa vitória eleitoral e a derrota de Bolsonaro. Em alguns estados compomos os comitês populares Lula presidente.
4. Contribuímos com a construção de plenárias de movimentos sociais e populares, com a construção de documentos que expressam as principais demandas das classes populares brasileiras, em defesa de uma campanha de massas que fosse capaz de defender nas ruas a eleição de Lula. Também contribuímos com a coordenação nacional da campanha e



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

coordenações estaduais, além do grupo de mobilização que promoveu comícios massivos em diferentes capitais, somado às mobilizações da militância organizadas mesmo sem a presença do Lula, como a rica experiência do “Sextou com Lula”. Participamos também do governo de transição, especialmente no GT de participação popular.

iv. Estrutura da CMP

1. A CMP terá a seguinte estrutura para os próximos quatro anos:
 - a. Coordenação Nacional composta por 40 integrantes, mais um coordenador geral, eleitos em plenário conforme regras aprovadas no regimento interno.
 - b. Executiva Nacional composta por 13 integrantes eleita na primeira reunião da coordenação nacional subsequente ao congresso nacional

v. Desafios para o próximo período

1. O VII Congresso está sendo realizada num momento de crise brutal do capitalismo e avanço das classes dominantes, da extrema direita, do fascismo, das privatizações dos recursos naturais e das empresas públicas, destruição dos direitos e desmonte das políticas públicas. Isso torna ainda mais necessária a reflexão sobre a importância histórica da construção da CMP, e os próximos passos para fortalecer a luta da CMP e dos movimentos populares.
2. Não temos dúvidas de que derrotamos Bolsonaro e não o fascismo e a extrema direita. O desafio atual é seguirmos mobilizados para combater o fascismo e o capitalismo e aumentar nossa incidência na construção de políticas que atendam às necessidades do povo brasileiro. No Brasil e na América Latina, apesar de sofrermos há anos com as consequências da múltipla crise que assola o mundo, abrimos uma nova conjuntura, de possibilidades de avanço das lutas populares. Nesse cenário adverso e de disputa permanente, não podemos ter um minuto de hesitação e vacilo: é preciso foco na organização, formação, comunicação e luta de massas das forças democrático-populares.



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

3. Devemos estar engajados para sustentar o governo Lula e lutar pelas reivindicações populares. E a melhor forma de fazê-lo é lutando pela concretização das pautas que produzem efetiva melhoria na vida do povo brasileiro. Somente com transformações profundas, de sentido democratizante, teremos condições de derrotar na sociedade o projeto de morte do neofascismo.
4. É preciso mobilização para estancar e reverter as privatizações, restabelecer a democracia, retomar os direitos, combater a fome, priorizar políticas públicas voltadas para o atendimento das necessidades do povo e colocar em curso um amplo e profundo processo de participação popular que contribua para elevar o nível de organização, fortalecer os movimentos populares e aumentar a consciência política e mobilização, indispensáveis para enfrentar a burguesia e o fascismo.
5. Atuaremos para manter a CMP com o caráter de articulação de movimentos populares urbanos, sempre vinculando o trabalho de base e lutas nos territórios com mobilizações gerais em defesa da transformação econômica e social, sustentado na organização, formação, comunicação e lutas de massas. Acreditamos que, para organizar a resistência popular e as lutas contra a desigualdade social, pelo direito à cidade, defender a democracia, combater o capitalismo e o fascismo e contribuir com um projeto democrático-popular para o país, precisamos estar inseridos no meio do povo, nos territórios urbanos e na construção de lutas de massas, indispensáveis para obtermos êxito nos enfrentamentos políticos, econômicos, sociais e ideológicos. Muitos dos nossos territórios estão dominados por outros valores, que não os democráticos e de defesa da vida. Pelo contrário, estão dominados pelo conservadorismo, pelo racismo, machismo e a LGBTQIA+fobia. Esse é o grande desafio: fortalecer o trabalho entre as classes populares discutindo com o povo a concretização do projeto popular, que assegure igualdade econômica e social, direitos e soberania.
6. É preciso nos dedicarmos à construção de uma metodologia que envolva educação popular de massas, organização e mobilização, com a finalidade de fortalecer os movimentos populares e sociais rumo a um projeto que vise avançar na melhoria das condições de vida e na conscientização do povo da necessidade de pôr fim ao capitalismo e abrir caminhos para a construção de cidades justas econômica, social e ambientalmente, considerando as dimensões de classe, gênero, raça e cultura. Nossa tarefa central é disputar hegemonia na sociedade e acumular forças no sentido de construirmos uma sociedade justa, democrática e socialista.



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

7. Ganhamos as eleições em uma vitória histórica da classe trabalhadora brasileira. Agora, temos de alterar a correlação de forças para fazer as mudanças estruturais no país. As políticas de emergência e os programas sociais são fundamentais para sobrevivermos ao desmonte, diminuir os efeitos da concentração de renda, mas é preciso ir além: mudar a estrutura de poder, dividir a riqueza que, apesar de produzida por nós, está concentrada nas mãos de tão poucas pessoas. É preciso radicalizar a participação popular. As conferências e conselhos precisam ser qualificados, são ferramentas importantes, mas até hoje não incidiram em mudanças estruturais, não foram espaços reais de decisões. É preciso conjugar luta institucional com luta social e mobilização de rua. Para fazer reforma urbana, reforma agrária, reverter as privatizações, voltar a investir na infraestrutura, na geração de emprego, aumento da renda, combate à fome, nas políticas públicas, pelo direito à cidade, é preciso lutar contra o fascismo, pela redução das taxas de juros, taxaço das grandes fortunas, dividendos e lucros, revogação das reformas trabalhista e da previdência, auditoria cidadã da dívida pública e adoção do salário mínimo ideal do Dieese, em suma, para garantir o conjunto de reformas democrático-populares que estabeleça um novo patamar civilizatório no Brasil.
8. As mulheres travaram a luta contra o fascismo e a extrema direita e foram definidoras para as eleições de 2022, assim como em outros momentos históricos do país. Entretanto, a misoginia é uma crescente em nossa sociedade, e foi reforçada pelo governo fascista de Bolsonaro. O papel atual de reconstrução também passa pelo combate à estrutura patriarcal, racista, LGBTfóbica, capacitista e tantas outras violências que atravessam principalmente as mulheres. A Central de Movimentos Populares (CMP), como ferramenta histórica dos movimentos populares e da participação popular, também deve ser parte da campanha contra a misoginia. Somos a favor da participação igualitária das mulheres nos espaços de poder e nas discussões sobre economia do cuidado. A Campanha Brasil sem Mosoginia, liderada pelo Ministério das Mulheres, deve ser parte das pautas de formação e mobilizações da CMP, em sua estrutura interna, nos processos de escuta e na Internet. Além disso, combater a misoginia contra as mulheres trans, bissexuais e lésbicas, que ainda sofrem com a invisibilização de suas pautas. A CMP, por meio do diálogo com a política institucional, militantes e toda classe trabalhadora se integrará e se somará à Campanha Brasil Sem Misoginia.
9. Precisamos fortalecer os movimentos populares, convocando-os para se filarem à CMP. Também continuaremos a apostar na construção de espaços de articulação e unidade dos movimentos sociais e populares como a Frente Brasil Popular, em diálogo com a Povo Sem Medo e em defesa da manutenção da articulação que construiu a Campanha Fora Bolsonaro.



Central de Movimentos Populares VII Congresso Nacional

10. Seguimos em luta pela apuração, julgamento e punição de todos os crimes cometidos por Bolsonaro e seus asseclas. Não é aceitável anistia em nome de um pretenso distencionamnto na sociedade. Com criminosos, não há conciliação! Bolsonaro na prisão!

11. Seguiremos vigilantes na defesa de um governo democrático-popular, dos direitos, da soberania popular, dos serviços públicos, na luta contra a fome, por emprego e renda adequada, moradia, cultura, saúde, educação, respeito ao meio ambiente, contra o racismo, o machismo e contra todas as formas de discriminação.

**Central de Movimentos Populares (CMP)
Outubro de 2023
Salvador - BA**